



Língua, identidade e os “brasileirinhos”: uma etnografia do português como língua de herança na Catalunha

Tais Cristina Samora de Figueiredo¹  
Universidade Complutense de Madrid

Resumo

Este artigo apresenta as experiências linguísticas, culturais e de sociabilidade de crianças brasileiras em contexto migratório na Catalunha, a partir das práticas de ensino de Português como Língua de Herança (PLH) desenvolvidas na Associação de Pais de Brasileirinhos da Catalunha (APBC), em Barcelona. Metodologicamente, a pesquisa baseou-se em levantamento de dados sobre a imigração brasileira e sobre as políticas linguísticas do português nos contextos imigratórios; investigação bibliográfica, documental e de campo sobre o ensino do português como língua de herança; e trabalho de campo etnográfico junto às iniciativas associativas de imigrantes com projetos de ensino da língua brasileira como língua de herança na Catalunha. Argumenta-se que essas associações constituem espaços fundamentais de convivência e transmissão cultural para crianças que crescem em contextos multilíngues, nos quais o português funciona não apenas como instrumento de comunicação, mas como mediador de vínculos afetivos, memórias familiares e referências simbólicas do Brasil. As atividades pedagógicas observadas mobilizam elementos culturais como músicas, jogos, literatura infantil, festividades e gastronomia, articulando memórias pessoais dos pais com representações coletivas da brasilidade. O estudo também destaca o papel central das mães na organização dessas iniciativas e na manutenção de redes transnacionais que conectam o país de origem e a sociedade de residência. Conclui-se que o ensino do PLH ultrapassa a dimensão linguística, configurando-se como prática social que fortalece identidades, sociabilidades e sentidos de pertencimento entre famílias brasileiras no exterior.

Palavras-chave

Português como Língua de Herança. Migração. Infância. Identidade.

1. Doutora em Antropologia Social e Cultura, pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professora Leitora de Língua Portuguesa, do Instituto Guimarães Rosa, na Universidade Complutense de Madrid.

Lengua, identidad y los “brasileirinhos”:
una etnografía del portugués como
lengua de herencia en Cataluña

Language, identity, and the “brasileirinhos”:
an ethnography of Portuguese as a
heritage language in Catalonia

Resumen: Este artículo presenta las experiencias lingüísticas, culturales y de sociabilidad de niños brasileños en contexto migratorio en Cataluña, a partir de las prácticas de enseñanza del Portugués como Lengua de Herencia (PLH) desarrolladas por la Asociación de Padres de *Brasileirinhos* de Cataluña (APBC), en Barcelona. Desde el punto de vista metodológico, la investigación se basó en la recopilación de datos sobre la inmigración brasileña y las políticas lingüísticas del portugués en los contextos migratorios; en la investigación bibliográfica, documental y de campo sobre la enseñanza del portugués como lengua de herencia; y en el trabajo de campo etnográfico con iniciativas asociativas de inmigrantes que llevan a cabo proyectos de enseñanza del portugués como lengua de herencia en Cataluña. Se argumenta que estas asociaciones constituyen espacios relevantes de convivencia y transmisión cultural para niños que crecen en contextos multilingües, en los que el portugués funciona no solo como medio de comunicación, sino también como mediador de vínculos afectivos, memorias familiares y referencias simbólicas de Brasil. Las actividades pedagógicas observadas movilizan elementos culturales como canciones, juegos, literatura infantil, celebraciones festivas y gastronomía, articulando las memorias personales de los padres con representaciones colectivas de la brasilidad. El estudio también destaca el papel central de las madres en la organización de estas iniciativas y en el mantenimiento de redes transnacionales que conectan el país de origen con la sociedad de acogida. Se concluye que la enseñanza del PLH trasciende la dimensión lingüística y se configura como una práctica social que fortalece identidades, sociabilidades y sentidos de pertenencia entre familias brasileñas en el exterior.

Palabras clave: Portugués como Lengua de Herencia. Migración. Infancia. Identidad.

Abstract: This article presents the linguistic, cultural, and social experiences of Brazilian children in a migratory context in Catalonia, based on the teaching practices of Portuguese as a Heritage Language (PLH) developed by the Association of Parents of *Brasileirinhos* of Catalonia (APBC) in Barcelona. From a methodological standpoint, the research was based on the collection of data on Brazilian immigration and language policies regarding Portuguese in migratory contexts; on bibliographic, documentary, and field research on the teaching of Portuguese as a heritage language; and on ethnographic fieldwork with immigrant associations that carry out projects to teach Portuguese as a heritage language in Catalonia. The article argues that these associations function as important spaces of sociability and cultural transmission for children growing up in multilingual contexts, in which Portuguese operates not only as a means of communication but also as a mediator of affective ties, family memories, and symbolic references of Brazil. The pedagogical activities observed mobilize cultural elements such as songs, games, children’s literature, festive celebrations, and gastronomy, articulating parents’ personal memories with collective representations of Brazilian identity. The study also highlights the central role of mothers in organizing these initiatives and maintaining transnational networks that connect the country of origin with the host society. The findings suggest that teaching PLH goes beyond linguistic instruction, constituting a social practice that strengthens identities, sociability, and senses of belonging among Brazilian families living abroad.

Keywords: Portuguese as a Heritage Language. Migration. Childhood. Identity.

Introdução

Este artigo apresenta as experiências linguísticas, culturais e de sociabilidade de crianças brasileiras em contexto migratório na Catalunha, a partir das práticas de ensino do Português como Língua de Herança (PLH) desenvolvidas na Associação de Pais

de Brasileirinhos da Catalunha (APBC). A pesquisa foi realizada no âmbito do doutorado² em Antropologia Social e Cultural na Universidade Autônoma de Barcelona.

No contexto migratório, iniciativas de ensino de língua de herança tornam-se espaços relevantes de sociabilidade, transmissão cultural e construção identitária para crianças que crescem entre diferentes línguas e referências culturais. Neste artigo, argumento que essas iniciativas constituem espaços de convivência nos quais a língua portuguesa funciona como meio de articulação de vínculos afetivos, memórias familiares e referências simbólicas do Brasil.

Como propõe Stuart Hall (2001), as identidades culturais são processos em constante construção, particularmente em contextos migratórios, nos quais os sujeitos articulam referências do país de origem e da sociedade de residência. Nesse sentido, a experiência migratória tensiona e reconfigura os sentidos de nacionalidade e pertencimento, que passam a ser elaborados pelas famílias, especialmente por mães e pais, por meio de “vínculos com lugares, eventos, símbolos e histórias particulares” (Hall, 2003b, p. 76).

Nessa perspectiva, as culturas nacionais constituem importantes fontes de identificação (Hall, 2001), ao produzirem sentidos compartilhados sobre “a nação”, conectando memórias, narrativas e imagens coletivas. Trata-se, portanto, de uma comunidade imaginada, conforme sugere Benedict Anderson (2008), cuja construção também se dá por meio da língua. É nesse ponto que as iniciativas de PLH adquirem centralidade, ao promoverem práticas linguísticas que sustentam e atualizam esses vínculos simbólicos em contexto migratório.

Além disso, tais práticas podem ser compreendidas no marco do transnacionalismo migrante, uma vez que envolvem a construção e a manutenção de redes sociais e culturais que conectam simultaneamente os países de origem e de residência. As iniciativas de PLH, nesse sentido, não apenas reforçam laços identitários, mas também integram circuitos transnacionais de circulação de pessoas, práticas e significados.

A formação de associações voltadas ao ensino do PLH teve início no final dos anos 1990, intensificou-se ao longo dos anos 2000 em diferentes países com presença significativa de imigração brasileira, inicialmente nos Estados Unidos, onde se concentra a maior comunidade de brasileiros³ no exterior, e, posteriormente, em países europeus a partir de 2005. Na Espanha, e mais especificamente em Barcelona, destaca-se

2. O artigo é uma versão traduzida e modificada do sexto capítulo “Los Simbolismos Identitarios Agenciados En Nombre De Los Brasileirinhos”, da tese defendida em novembro de 2019, intitulada *¿En Nombre De Los “Brasileirinhos”? Lengua De Herencia e Identidad Brasileña en Cataluña*.

3. Segundo os últimos dados de 2023 sobre os “Comunidades Brasileiras no Exterior” do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, são 4.996.951 de brasileiros vivendo no exterior. Desse número, 45,3% estão na América do Norte, sendo que mais de 92% vivem nos Estados Unidos. Na Europa, encontram-se 33,6% dos brasileiros imigrados, e na Espanha estão presentes aproximadamente 10% dessa população.

a Associação de Pais de Brasileirinhos da Catalunha (APBC), fundada em 2009, que constituiu o principal campo empírico desta pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa baseou-se em uma abordagem etnográfica, em diálogo com outras técnicas, como a análise documental sobre dados da imigração brasileira e a etnografia virtual, realizada a partir do acompanhamento de sites e redes sociais de iniciativas de PLH. Esses espaços digitais mostram-se centrais tanto para a divulgação das atividades quanto para a articulação em rede entre diferentes iniciativas.

Em termos analíticos, parte-se da compreensão de que as ações sociais possuem um conteúdo simbólico passível de interpretação, o que implica uma descrição semântica dos atos e uma abordagem orientada pela noção de descrição densa, conforme propõe Geertz (1989). Trata-se, assim, de examinar as estruturas de significação que orientam a prática social, entendida como ação simbólica, por meio de uma análise aprofundada que ultrapassa a simples coleta de dados.

Durante o período de julho de 2015 a junho de 2016, participei assiduamente das atividades promovidas pela APBC. Assisti a aulas, participei de festas na associação e de eventos nos quais a entidade esteve envolvida, realizando atividades infantis. Além disso, compareci a reuniões, assembleias e outros encontros.

Ao longo dos três anos seguintes, mantive o vínculo com o campo por meio de diferentes formas de participação. Estive presente em eventos acadêmicos nos quais participavam mulheres envolvidas nas iniciativas de PLH, incluindo eventos por elas organizados. Continuei visitando a APBC, ainda que de maneira mais esporádica, e participando de atividades promovidas pela associação. Paralelamente, acompanhei, por meio de canais digitais, as atividades das iniciativas de PLH na Europa, bem como as ações desenvolvidas em rede por essas agentes.

No início da observação de campo, em julho de 2015, participei de uma oficina de jogos organizada por brasileiros na sede da associação. A atividade reunia mães e crianças pequenas e evidenciava um dos principais objetivos da iniciativa: criar espaços de sociabilidade em português para famílias brasileiras residentes em Barcelona. Conversas informais com mães presentes indicavam que muitas buscavam na associação um ambiente que facilitasse a adaptação dos filhos à vida na cidade e possibilitasse a manutenção de vínculos com a língua e a cultura do Brasil.

Na semana seguinte, estive na colônia de férias chamada Clubinho de Férias, pois naquele momento a APBC não tinha aulas. Nesse dia, eu estava acompanhada de minha filha, então com nove anos. À tarde a atividade continuou no *Parc de la Estació del Nord* (ao lado da sede da APBC), e eu segui com meu trabalho: conversei com as professoras, com as crianças, com outros associados e associadas que vinham buscar seus filhos e, também, com alguns membros da coordenação da associação.

Foi nesse contexto que a presidenta da APBC me apresentou à tesoureira da associação como antropóloga que “veio ver os nossos indiozinhos”. A partir desse momento, passei a participar das atividades sendo reconhecida simultaneamente como mãe de brasileirinhos e como pesquisadora interessada nas práticas desenvolvidas naquele espaço.

1 Orientações pedagógicas para o ensino do português brasileiro como Língua de Herança

As atividades de Português como Língua de Herança da APBC, referentes ao ano letivo de 2015-2016, começaram em 19 de setembro de 2015 e, a partir de então, passei a acompanhar as atividades realizadas, utilizando o diário de campo para registrar acontecimentos, conversas e outras observações. Associei-me formalmente à associação, pois sendo membro poderia participar de todas as atividades, sentindo-me mais à vontade naquele espaço.

Embora o objetivo principal das iniciativas de PLH sejam as aulas, as práticas pedagógicas e os encontros que ocorrem nas associações são variados, e essas práticas são igualmente importantes para a análise das ações desenvolvidas, por exemplo: encontros em datas festivas no Brasil, reuniões e assembleias dos associados, além de outras atividades lúdicas que envolvem canções, jogos e teatro. Ressalto que são nesses contextos que elementos simbólicos regionais são ativados e introduzidos na dinâmica das atividades desenvolvidas. Segundo Durham (2004, p. 278),

Qualquer elemento cultural pode ser politizado, sem que seu significado se esgote no fato de ser instrumento em uma luta de poder. A língua, a religião, a cor da pele, os hábitos alimentares e a vestimenta podem ser erigidos em instrumentos de construção de identidade coletiva, com implicações políticas. Toda a dinâmica dos movimentos sociais envolve necessariamente esse tipo de manipulação simbólica por meio da qual se constroem sujeitos políticos coletivos.

Símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil e as cores verde e amarelo, são frequentemente mobilizados como marcadores da identidade, além do termo *brasileirinhos*, utilizado pelas agentes de PLH, que expressa a ideia de uma brasilidade presente no próprio termo. Muitas iniciativas utilizam o termo para nomear seus projetos, por exemplo: *Brasileirinhos DK* (Dinamarca); *Brasileirinhos em Málaga*; *Brasileirinhos em Stuttgart*; *Casa dos Brasileirinhos em Rovigo*; *Clube dos Brasileirinhos*, entre outros. Além da ideia de afetividade relacionada às crianças e adolescentes filhos de brasileiros emigrados, ao tratar das iniciativas que promovem o ensino da língua e da cultura do

Brasil para essas crianças, o termo *brasileirinhos* aparece como uma forma de diferenciação e reconhecimento no contexto da migração.

Algumas fundadoras de projetos de PLH destacam que a articulação entre as iniciativas na Europa também é uma tentativa de aproximação, a partir do exterior, com o Estado brasileiro, para sensibilizar que os governos assumam responsabilidades na promoção, na difusão e na preservação da língua portuguesa entre as novas gerações no exterior. Além das estratégias de articulação para ganhar visibilidade, o movimento é mobilizado principalmente por mulheres, mães, que se articulam para manter e transmitir suas ideais de cultura de origem, mediadas pela língua portuguesa do Brasil.

O vínculo familiar (com as pessoas que permaneceram no Brasil) é uma característica muito presente nos discursos dessas agentes. A valorização de sua ideia de brasilidade em diferentes contextos migratórios, bem como suas estratégias de reconhecimento e visibilidade nos espaços em que estão inseridas, faz com que essas mulheres desenvolvam redes baseadas em uma ideologia de vida que envolve tanto a sociedade de origem quanto a de acolhimento.

Na APBC, muitas de minhas interlocutoras, em conversas informais, falaram sobre as formas pelas quais mantêm vínculos com suas famílias no Brasil, seja por meio das facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação utilizando a internet, seja por viagens frequentes às suas regiões de origem. Como destacou uma mãe, além de visitar o Brasil com frequência,

[...] conto histórias da família. Pergunto: sabe o que a vovó fez? O que a titia fez? Mostro fotos. A família manda muitos vídeos. Digo: vamos ligar para a vovó, para a titia! Ela tem um laço com o Brasil, com a cultura, com as pessoas, com a comida (Comunicação pessoal, julho de 2018).

Ao mesmo tempo, essas mulheres não deixavam de construir relações na sociedade para a qual migraram, por meio do casamento, do trabalho, dos estudos e da vida cotidiana, também criando vínculo sociais e afetivos. A associação funciona, nesse sentido, como um espaço de sociabilidade e acolhimento, no qual essas experiências são trocadas e compartilhadas.

Essas ações são características de imigrantes transnacionais, que constroem campos sociais que conectam os países de origem e de acolhimento, no sentido definido por Glick Schiller, Bach e Szanton Blanc (1992, p. 1-2 *apud* Solé; Parella; Cavalcanti, 2008). Os chamados transmigrantes desenvolvem e preservam múltiplas relações, familiares, econômicas e sociais, por exemplo, que transcendem fronteiras.

É certo que práticas transnacionais sempre estiveram presentes, em maior ou menor grau, nos movimentos migratórios. No entanto, as novas tecnologias da infor-

mação possibilitaram novas dinâmicas e relações no espaço da imigração: seja para investigar e obter informações sobre destinos de interesse, seja como facilitadoras de múltiplos contatos (estudos, empregos, viagens, voos baratos) ou para facilitar a adaptação e a reconstrução das vidas dos imigrantes.

A família que permaneceu no Brasil, por exemplo, não parece tão distante, pois é possível falar e ver os familiares quando necessário, utilizando meios tecnológicos de comunicação, diminuindo a sensação de distância e de isolamento da família de origem. Além disso, no caso específico de minha pesquisa, esses meios permitiram que pessoas com os mesmos interesses se encontrassem e trabalhassem juntas em rede pelos projetos de PLH e pelas associações, buscando reconhecimento e visibilidade nos novos espaços de residência, e mantendo vínculos com suas origens.

As orientações destinadas às professoras e outras pessoas envolvidas com o PLH são marcadas por discursos de manutenção dos vínculos com o Brasil, nos quais se destacam conexões familiares, símbolos e memórias do país. A professora Maria Luiza Ortiz, que realizava formações para professores de PLH, destaca que “a língua de herança deve tornar-se um modo de ser e de estar, um elo que nos conduz à nossa cultura, às nossas raízes; aprendê-la significa revitalizar nossos contatos com ela, conviver e manter os laços que nos unem a ela” (Souza; Lira, 2017, p. 11).

Dorneles (2017, p. 183), professora de PLH, ressalta que, no ensino de POLH⁴, a preocupação vai além da sistematização da língua, “é necessário considerar o ensino da brasilidade como forma de criar um sentimento de pertencimento à língua e à cultura”. Destaco também a definição de língua de herança elaborada por uma professora doutora que à época da pesquisa atuava na APBC.

A língua de herança é um idioma de comunicação relacionado a um contexto sociocultural familiar, que ajuda a estruturar o pensamento, os discursos e seus significados. A cultura de herança, assim como a língua, se não for transmitida pela família dificilmente será aprendida, uma vez que, na maioria dos casos, os descendentes de imigrantes nasceram ou chegaram ainda muito jovens ao país de residência (Gomes, 2017, p. 38).

Por ser uma língua transmitida pelos familiares e compartilhada com outras pessoas que se identificam com ela em um contexto linguístico minoritário, os momentos de interação nas iniciativas de PLH, especialmente aqueles dedicados às crianças, trazem para esse contexto elementos que simbolizam o Brasil. Esses momentos de interação são promovidos por mães e pais imigrantes que consideram importantes

4. POLH e PLH têm o mesmo significado, sendo POLH usado mais na Europa e, especificamente, para o ensino do português brasileiro como Língua de Herança.

para suas histórias e para sua ideia de pessoa que também pertence, ao menos em parte, a outro lugar e a outra cultura. São mães e pais que buscam fazer com que seus filhos também se sintam brasileiros.

2 O imaginário de Brasil no ensino do Português como Língua de Herança

Segundo Margolis (2013), a maioria dos brasileiros leva consigo um imaginário cultural de sua própria região de origem, que só é percebido depois da chegada a qualquer lugar no exterior. De acordo com a autora, a identidade nacional é uma abstração no Brasil, já que os brasileiros possuem uma marca própria no contexto da imigração e, muitas vezes, só aprendem o que é o Brasil depois que deixam o país. Além dos imaginários que esses imigrantes carregam de suas próprias regiões, há também imaginários mais gerais sobre o Brasil: como a bandeira nacional, o samba, a capoeira, o dia da independência do país, o futebol e determinadas comidas.

Ao tratar do ensino da língua e da cultura do Brasil para crianças no exterior, os elementos simbólicos levados a esse contexto também são resgatados da memória dessas brasileiras que, por meio de seus imaginários e histórias pessoais, buscam transmitir sua língua e sua cultura.

Nos eventos sobre português como língua de herança dos quais participei, a orientação do trabalho pedagógico relacionado aos temas abordados sempre enfatizou a ideia de que cada contexto de ensino de PLH é singular e que é necessário, a partir de cada realidade local, programar os conteúdos a serem trabalhados, levando para as aulas elementos simbólicos de uma ideia mais unificada de Brasil, além das especificidades de origem regional das e dos imigrantes envolvidos com seus filhos nos projetos. Destaco que as pessoas envolvidas nos projetos de PLH na Europa são de várias regiões do Brasil. Embora a maioria seja do Sudeste, há pessoas de norte a sul do país, o que indica que a diversidade cultural e linguística das mães e pais comprometidos com o ensino do PLH é bastante ampla.

Uma metodologia muito recorrente, que observei durante as aulas na APBC, consistia em a professora pedir às crianças que conversassem com suas mães ou pais brasileiros sobre suas vidas e suas histórias de infância, bem como sobre as características de sua região de origem no Brasil, e, posteriormente, deveriam trazer essas histórias para a aula e reproduzi-las para o grupo. Isso gerava uma conversa entre as crianças e a professora sobre a ideia de diversidade regional de suas origens, a caracterização dos modos de vida e a simbologia daquilo que é imaginado como comum ao Brasil.

Segundo Gomes (2017, p. 275), o ponto de partida para o planejamento do ensino de uma língua de herança é o vínculo afetivo e cultural que as crianças possuem e, “mais do que conhecer suas necessidades de aprendizagem, consideramos essencial revelar as representações da língua e da cultura do Brasil que os alunos trazem consigo”. Esse argumento tornou-se central nas defesas dos projetos de PLH conduzidos pelas associações.

Gomes (2017) reforça que:

Nas aulas podem ser exploradas as memórias construídas pelas crianças por meio das viagens, das visitas de familiares brasileiros e também das conversas realizadas nesse idioma, além de promover o contato com outros contextos de fala portuguesa, como associações, eventos culturais, artísticos ou outros interlocutores além dos familiares e professores (Gomes, 2017, p. 277).

O PLH tornou-se uma língua de sentimento que desperta todo um imaginário sobre o Brasil, nesse caso. As observações de Gomes (2017) permitem compreender a diferença entre a metodologia de ensino do português como língua de herança (PLH) e do português como língua estrangeira (PLE). O PLH busca no repertório das crianças os conteúdos a serem explorados, enquanto o português como Língua Estrangeira (LE) possui um fundamento técnico e gramatical voltado para aplicações pragmáticas, formais e utilitárias. No ensino do português como língua estrangeira, utiliza-se a cultura para tentar inserir o aprendiz em certo contexto, mas não se ativam memórias, sentimentos e vínculos afetivos com os lugares nos quais a língua originalmente é vivenciada, como ocorre no ensino do português como língua de herança. A cultura abordada no ensino de LE é padronizada, materializada, passando a ter um significado único, como um produto.

Nas aulas da APBC, as professoras resgatavam canções e jogos populares recorrentes no Brasil para trabalhar a língua portuguesa com as crianças. Muitas vezes essas canções e jogos são recuperados a partir de suas próprias memórias de infância.

Assisti a uma aula em que a professora explorou as regiões de origem das mães e dos pais utilizando o mapa do Brasil para mostrar, de forma ilustrativa, os diferentes lugares de procedência. Em outra situação, na turma das crianças maiores (de 7 a 12 anos), da qual minha filha participou, a professora aproveitou sua presença para que ela falasse sobre sua origem no Brasil e sobre o lugar onde havia nascido.

Além dos temas regionais, perguntei a uma professora se elas trabalhavam com datas comemorativas nacionais, como a Independência do Brasil, o Dia da Bandeira e o Dia da Proclamação da República, por exemplo, que são feriados no Brasil. Ela afirmou que sim: trabalhavam as datas da Proclamação e da Independência do Brasil apenas com as crianças maiores, e o Dia da Bandeira com todos.

A bandeira do Brasil é o símbolo nacional utilizado por todas as iniciativas que acompanhei durante pesquisa, para além da Catalunha. Nos eventos, encontros e nas sedes das iniciativas, a bandeira ou suas cores constituem a maior representação visual de identificação. A referência ao Brasil também aparece reiteradamente nos logotipos das iniciativas de diversas associações de PLH, por meio das cores verde, azul e amarelo e por elementos simbólicos brasileiros da fauna, da flora, de objetos culturais, jogos e crianças.

Os logotipos das iniciativas contêm elementos simbólicos que buscam remeter a uma ideia do que significa o ensino de PLH. Além de incluir as cores que representam o Brasil, a bandeira e o mapa, aparecem também outros elementos que indicam a quem os projetos se destinam, mostrando crianças interagindo com o país. Destaco o projeto Mala de Herança, fundado em 2012 em Munique, na Alemanha. O projeto tem como objetivo incentivar o ensino de PLH por meio da leitura e da narração de histórias, além de realizar atividades e oficinas de língua e cultura.

Entendo o projeto Mala de Herança como uma metáfora da ideia das memórias de herança que o imigrante traz na mala. Essas memórias guardadas parecem ser as referências simbólicas que se deseja transmitir. Mais uma vez aparece o simbolismo do vivido, do afeto, e não de uma memória institucional padronizada da nação. A língua acaba funcionando como veículo de transmissão, mas também como elemento simbólico por meio do qual a dimensão afetiva se revela e é sentida, na visão das agentes desse processo.

Além da bandeira brasileira e das cores frequentemente utilizadas, datas festivas do Brasil também são celebradas ao longo do período letivo pelas iniciativas de PLH: Carnaval, Páscoa, Dia dos Povos Indígenas, Festas Juninas, 7 de Setembro (Dia da Independência do Brasil), Dia das Crianças (12 de outubro) e Natal. Embora várias dessas festas não sejam originalmente brasileiras, possuem uma forma brasileira de celebração. Canções, jogos e literatura de diferentes regiões do Brasil são utilizados e cultivados em todos os ambientes festivos, nos eventos e nas aulas de PLH.

A gastronomia brasileira também é um elemento explorado no ensino e nos encontros de PLH, com o objetivo de manter vivas a cultura e as histórias por meio do cultivo de memórias afetivas despertadas pela comida. Entre os alimentos que mais se destacam no contexto da língua de herança brasileira, especialmente no universo infantil, estão pratos como brigadeiro, coxinha e pão de queijo.

A autora Abdala (1997, p. 161 *apud* Moraes, 2011) fala sobre o pão de queijo, comida caracterizada como mineira, que permite uma referência à tradição que se reconhece no sabor da infância e em uma imaginária pureza. Incluo, junto com o pão de queijo, o brigadeiro e a coxinha, que fazem parte dos sabores da infância de muitas mães, principalmente do Sudeste e do Sul do Brasil.

Segundo Moraes (2011), a culinária é uma das formas pelas quais as identidades assumem alguma materialidade e, também, pode conter discursos. “A comida também fala”, afirma Moraes (2011, p. 294). Os momentos de encontro nas associações de PLH, nos quais a comida faz parte do ritual, corroboram a ideia de que se trata de uma confraternização à brasileira.

A comida é aqui compreendida como parte de um universo simbólico que, em articulação com a música, as cores, os jogos, os objetos culturais e a natureza, produz sentidos de brasilidade. Em contextos migratórios, a mobilização da chamada comida “típica brasileira” atua como dispositivo de reconhecimento e construção identitária, evidenciando a brasilidade em jogo, revelando um importante diálogo com as memórias dos sujeitos.

Outro elemento muito explorado no ensino da língua e da cultura do Brasil é a literatura, sobretudo a literatura infantil e juvenil. Autores clássicos da literatura brasileira são utilizados e sugeridos como forma de realizar atividades pedagógicas, como Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo, e Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica. Muito provavelmente os pais se socializaram, durante a infância, por meio desses escritores e de seus personagens, através das escolas brasileiras e da difusão desses personagens na televisão aberta.

Durante o trabalho de campo, observei o uso das obras desses autores nas atividades da APBC. No meu primeiro contato com a associação, na colônia de férias, as professoras estavam ensaiando uma peça teatral chamada “Sítio do Picapau Amarelo e Os Saltimbancos Trapalhães”, na qual haviam sido misturadas duas histórias infantis de grande impacto no Brasil, especialmente nos anos de 1980.

Ao longo do ano letivo de 2015/2016, nas aulas da APBC, foi utilizado um filme da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, no período de Natal, no grupo Onça Pintada (5 a 7 anos). A literatura e os filmes utilizados traziam personagens e histórias do universo simbólico da infância das mães e dos pais brasileiros.

Esses autores, personagens e histórias também compunham o acervo da biblioteca da APBC, e com muita frequência as professoras sugeriam esses livros às crianças. Ressalto que são histórias e personagens da infância dos pais e mães, de um período em que, no Brasil, se universalizavam certas referências literárias escolares que acabavam sendo aquilo que buscavam transmitir aos filhos como herança brasileira nos projetos de ensino da língua. Mais uma vez, são as memórias de suas próprias experiências que são acionadas como vínculo simbólico e afetivo de uma ideia de identificação com o Brasil.

Outras referências são escritores e atores brasileiros contemporâneos que fazem turnês por países da Europa e, também, são convidados a realizar apresentações para os brasileirinhos. Os espetáculos, muitas vezes, são organizados e promovidos pelas

iniciativas envolvidas no ensino da língua e da cultura do Brasil. São apresentações que valorizam elementos lúdicos da forma de contar histórias, cantar e brincar, realizadas em português e que remetem aos universos simbólicos das culturas regionais do Brasil.

As estratégias utilizadas por essas iniciativas para estreitar vínculos e aproximar as crianças do Brasil, por meio da mobilização de elementos simbólicos como cores, canções, jogos, livros e comidas, buscam dar significado ao ensino e à aprendizagem do português como língua de herança. Trata-se de promover não apenas o domínio linguístico, mas também a construção de um sentimento de pertencimento, de modo que as crianças envolvidas nesses projetos possam se reconhecer como brasileiras.

Nessa mesma direção, Moroni (2017), cofundadora da APBC e linguista, destaca que o papel dessas iniciativas consiste em proporcionar aos aprendizes oportunidades de vivenciar práticas culturais significativas na língua, ampliando seu repertório de experiências afetivas. A partir do acompanhamento das atividades desenvolvidas por iniciativas de PLH na Europa, observa-se que tais espaços têm operado como contextos de produção e circulação dessas práticas, o que também se verifica no caso de Barcelona.

3 Práticas pedagógicas e referências culturais brasileiras no ensino de Português como Língua de Herança na APBC

As atividades desenvolvidas para as crianças que participam da APBC seguem um projeto pedagógico chamado Projeto Educativo-Cultural. Esse projeto da associação tem como objetivo promover o desenvolvimento das competências linguísticas e culturais em PLH entre crianças de origem brasileira que vivem na Catalunha. A proposta pedagógica busca não apenas estimular o uso da língua portuguesa, mas também proporcionar o contato com a cultura, os costumes e os modos de vida brasileiros, fortalecendo vínculos identitários com o Brasil.

O projeto considera o contexto multilíngue em que essas crianças estão inseridas, marcado pela presença do catalão, do espanhol e, em muitos casos, de outras línguas familiares. Por isso, as atividades procuram valorizar essa diversidade linguística e incentivar as crianças a refletirem sobre suas múltiplas referências culturais e identitárias.

As aulas são organizadas por faixas etárias, atendendo crianças de 2 a 13 anos, e incluem atividades como cantigas, brincadeiras populares, contação de histórias, leitura, escrita e produção de conteúdo. Para os grupos mais novos, as propostas enfatizam experiências lúdicas e a participação dos pais; para os mais velhos, são desenvolvidas atividades que estimulam a alfabetização em português e a produção oral e escrita, muitas vezes por meio de projetos de comunicação, como entrevistas, cartas ou programas de rádio.

Além do aprendizado linguístico, o projeto promove a interação entre as crianças e suas famílias, criando um espaço de convivência que fortalece a sociabilidade e a transmissão intergeracional da língua e da cultura do Brasil no contexto migratório.

As aulas, segundo o Projeto Pedagógico da APBC, são um momento de troca e interação, conduzidas por alguém que não seja o pai ou a mãe: as professoras, que fazem uma mediação para além das memórias e símbolos individuais familiares, construindo um ambiente de intercâmbios. Para as mães e os pais da APBC, as professoras “enriquecem o universo de brasilidade dos alunos e apoiam as famílias no trabalho já realizado dentro de casa”.

Na ocasião em que observei as aulas, as mães e os pais demonstravam apreciar o trabalho realizado pelas professoras. Ao final das aulas, agradeciam e interagiam com elas de forma descontraída, rindo das histórias e situações contadas por elas; e as crianças abraçavam e beijavam suas professoras para se despedir. Formas de relação de atenção e carinho entre as pessoas da associação, que envolvem as crianças e os adultos envolvidos.

Para além das aulas, segundo Moroni e Gomes (2015), um ponto importante na agenda da APBC é a realização de atividades sociais e festas que, às vezes, são apenas para os associados e, em outras ocasiões, abertas ao público. As celebrações promovem encontros que reúnem as crianças e suas famílias e divulgam a cultura brasileira na comunidade local, já que entre os associados predominam famílias de nacionalidade mista (Moroni; Gomes, 2015).

Destaca-se o perfil das professoras que atuam na APBC, todas possuem formação universitária (Pedagogia, Letras ou Psicologia; na época da pesquisa, duas delas realizavam doutorado). Para complementar sua formação, essas professoras participam de oficinas e cursos sobre PLH. Em conversa com a presidenta da associação, ela me informou que a APBC carece de recursos financeiros para enviar todas as professoras a eventos de formação em PLH, por isso, geralmente participa a professora que atua como coordenadora pedagógica.

Segundo as professoras da APBC, a dinâmica pedagógica é composta por encontros mensais, nos quais elas conversam e planejam o que será realizado no período letivo seguinte. Ao escolher uma temática, elaboram um projeto comum para todas as turmas, com objetivos adaptados às diferentes faixas etárias.

As atividades da associação possibilitavam às crianças não apenas o contato com a língua do Brasil, mas também a participação em interações sociais que criavam situações de uso da língua para além do contexto familiar. Fora da sala de aula, o contato com outras crianças de diferentes idades e com adultos que também falavam português (que não seus pais, mães ou professores) favorecia a vivência de experiências diversas,

contribuindo para a ampliação do vocabulário, a valorização da língua e o fortalecimento da segurança nas interações sociais no interior da associação.

Durante o trabalho de campo, ao acompanhar as atividades desenvolvidas pela APBC, observei que muitas crianças se dirigiam a mim em português, frequentemente demonstrando entusiasmo em utilizar a língua. Faziam perguntas, buscavam sustentar a interação e me incluíam em suas brincadeiras, evidenciando não apenas a competência linguística, mas também o investimento simbólico e afetivo no uso do português naquele contexto.

As turmas de português como língua de herança (PLH) da Associação de Pais de Brasileirinhos da Catalunha (APBC) são distribuídas em quatro grupos: Boto, Tatu-Bola, Onça-Pintada e Arara-Azul, além da Turma Saci⁵, localizada em Canet de Mar. Inicialmente classificadas apenas por idade, as turmas receberam nomes de animais da fauna brasileira a partir do ano letivo de 2014-2015. A escolha foi inspirada em outras iniciativas de PLH e permitiu trabalhar pedagogicamente o tema dos animais brasileiros ameaçados de extinção.

As aulas são organizadas por faixas etárias, com objetivos pedagógicos progressivos. Nas turmas iniciais (2 a 5 anos), predominam atividades lúdicas – cantigas, brincadeiras e trabalhos manuais, com participação ativa dos pais. Nas turmas intermediárias (5 a 7 anos), as professoras passam a trabalhar elementos de alfabetização em português, explorando também comparações entre catalão, espanhol e português. Já nas turmas de crianças mais velhas (7 a 12 anos), as atividades estimulam o uso social da língua, com produção de textos, entrevistas e outros formatos de comunicação.

Na Turma Boto⁶ (de 2 a 4 anos), como as crianças são muito pequenas, mães e pais participam das aulas com o objetivo de potencializar o trabalho da professora. A ideia é explorar a expressão corporal, estimular os sentidos e ampliar o vocabulário das crianças. Para tanto, a professora utiliza músicas, jogos, pinturas e alimentos para trabalhar os sentidos e as habilidades dos pequenos, sempre em português brasileiro. Mães, pais e crianças são convidados a participar das atividades cantando, dançando, brincando e realizando trabalhos manuais.

Na Turma Tatu-Bola⁷ (de 4 a 5 anos), os objetivos são voltados à comunicação oral, à interação social e à expressão de opiniões. Nas aulas, as crianças cantam, brincam e relatam episódios de suas vidas e histórias trabalhadas nas atividades, já que

5. A Turma Saci, em Canet de Mar, era uma extensão da associação com sede em Barcelona, foi criada em 2015, funcionou somente nos anos letivos de 2015-2016 e 2016-2017, depois encerrou suas atividades.

6. Mamífero aquático comum nos rios da região amazônica e ameaçado de extinção.

7. O tatu-bola é um animal presente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, incluindo parte do estado de Minas Gerais, na região Sudeste.

nessa fase etária conseguem desenvolver esse tipo de comunicação. O vocabulário em português é explorado com o objetivo de ampliá-lo, ao mesmo tempo em que se trabalha o contraste entre elementos da cultura brasileira e da espanhola.

A Turma Onça-Pintada⁸ (de 5 a 7 anos) tem como objetivo estimular a expressão escrita, já que as crianças iniciaram o processo de alfabetização na escola. O trabalho envolve o alfabeto, os sons e as palavras, frequentemente explorados de forma contrastiva entre catalão, espanhol e português. Em uma das aulas observadas, o tema do Natal foi utilizado para comparar elementos culturais do Brasil e da Catalunha, como os símbolos natalinos, a comida, o clima e as formas de celebração.

Em Canet de Mar, a Turma Saci desenvolvia as mesmas propostas pedagógicas apontadas as Turma Onça-Pintada, sendo conduzida pela mesma professora. O nome do grupo foi escolhido pelas mães e pelos pais, que identificaram o Saci como um personagem amplamente reconhecido pelas crianças, provavelmente por circular com frequência nas narrativas familiares.

Durante uma das aulas que acompanhei, a professora trabalhou com as cidades de origem das famílias brasileiras das crianças e, posteriormente, retomou a temática do Natal por meio de atividades de recorte e escrita de palavras associadas aos símbolos da data.

Na Turma Arara-Azul⁹ (de 7 a 13 anos), é estimulado o uso social da língua falada e escrita, incentivando a expressão de conhecimentos em português em uma faixa etária mais ampla, com um vocabulário ainda mais diversificado.

Durante as aulas da Turma Arara-Azul, observei que as crianças transitavam entre português, espanhol e catalão. Em alguns casos, quando interagiam com colegas recém-chegados do Brasil, optavam por utilizar o português, mesmo dominando outras línguas. Uma das crianças, filha de uma das cofundadoras da associação, utilizava o português de forma predominante, demonstrando orgulho de seu domínio da língua. Coincide que sua mãe é muito comprometida com a associação desde a sua fundação e participa ativamente dos projetos da iniciativa, e já manifestou que busca manter viva sua língua e sua cultura na filha, esperando que “ela aprenda a amar o Brasil tanto quanto eu amo”. Esse caso demonstra que os efeitos no aprendizado do PLH também estão diretamente relacionados ao comprometimento das mães e dos pais com o projeto e à sua compreensão sobre as motivações para a aprendizagem da língua.

8. A onça pintada é um felino carnívoro que ocupa o topo da cadeia alimentar e vive nas florestas do Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil. Assim como outros animais, é um símbolo de algumas regiões do país, muito presente na literatura, no cinema e nas canções, mas ameaçado de extinção.

9. A arara-azul é uma ave encontrada principalmente nas regiões Centro-Oeste e Nordeste.

No ano letivo de 2015-2016, foi realizado o projeto “O mundo pelos brasileirinhos”, que contou com a participação de brasileirinhos de vários países do mundo. O objetivo do projeto era promover a troca de cartas entre crianças de diferentes iniciativas. As crianças deveriam demonstrar, por meio de desenhos ou textos, como celebram o Natal, com a intenção de compartilhar as diferentes experiências vividas por cada uma delas.

Participaram do projeto iniciativas localizadas em Barcelona e Burgos (Espanha), Munique (Alemanha), Virgínia (Estados Unidos), Londres (Reino Unido), Dubai (Emirados Árabes Unidos) e Viena (Áustria). Como resultado do projeto, foi elaborado um livro digital com todo o material produzido pelas crianças.

O material está disponível no site livrosdigitais.org.br, uma plataforma de uso gratuito que busca contribuir para “uma educação de qualidade”. O livro é composto por mais de 100 desenhos e textos feitos por crianças de diferentes idades que participam de iniciativas que promovem a língua de herança do Brasil em diversas cidades do mundo. As turmas da APBC que participaram da atividade foram Saci, Onça-Pintada e Arara-Azul, com crianças de 5 a 9 anos.

No período letivo de 2016-2017, o projeto “O mundo pelos brasileirinhos” teve como temática as Olimpíadas, já que os Jogos Olímpicos de 2016 foram realizados na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Na segunda edição do projeto, o objetivo era saber o que as crianças pensavam e conheciam sobre as Olimpíadas, e elas deveriam apresentar seus conhecimentos por meio de um vídeo. Participaram do projeto iniciativas da Alemanha, Dubai, Espanha, Liechtenstein e Suíça.

As crianças de cada iniciativa abordaram uma temática relacionada às Olimpíadas. Por exemplo: no projeto Mala de Herança, de Munique, na Alemanha, as crianças contaram a origem e a história das Olimpíadas; as crianças da ABEC, de Zurique (Suíça), criaram um almanaque com curiosidades sobre os Jogos Olímpicos; os Brasileirinhos em Málaga, na Espanha, falaram sobre os símbolos e os esportes olímpicos; as crianças da iniciativa Herança Viva, do Principado de Liechtenstein, destacaram seus esportes preferidos; as crianças da associação Linguarte, em Munique, apresentaram o Parque Olímpico de Munique; em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, as crianças entrevistaram um atleta olímpico que participou das Olimpíadas na modalidade de tiro esportivo; já as crianças da APBC visitaram a exposição “3, 2, 1... Rio”, no Museu Olímpico e do Esporte Juan Antonio Samaranch, em Barcelona, e apresentaram as mascotes e as tochas olímpicas.

A exposição temporária “3, 2, 1... Rio” foi organizada pela Fundação Barcelona Olímpica e pelo Consulado Geral do Brasil em Barcelona, e aconteceu entre 3 de maio e 18 de setembro de 2016. No dia 28 de maio de 2016, as crianças, mães e pais da APBC

visitaram a exposição, ocasião em que também se celebrava o Dia do Português como Língua de Herança. Após a visita ao museu, um grupo de mães e pais seguiu com as crianças para um piquenique no Parque de Montjuïc.

4 A biblioteca da APBC: um espaço de sociabilidade e informação

Durante a pesquisa que realizei na ABPC, foi na biblioteca que passei a maior parte do tempo da minha experiência entre os membros da associação, especialmente entre as mães brasileiras que compartilharam comigo não apenas o trabalho na associação, mas também suas histórias e trajetórias como imigrantes. Além da participação em reuniões, encontros, festas e da observação das aulas, a biblioteca foi um espaço que me possibilitou maior aproximação com as pessoas. Ali compartilhei a rotina da função com mais duas mães e, às vezes, com um voluntário, jovem, catalão, que estava ali com o objetivo de aprender português.

À época da minha pesquisa, a biblioteca da APBC possuía um acervo de aproximadamente quinhentos livros, composto principalmente por literatura infantil e juvenil, mas também por livros para adultos e materiais didáticos. O local é frequentado por crianças e adultos que procuram livros e o espaço também funciona como escritório da APBC. Assim, as pessoas que visitavam a associação ou precisavam de alguma informação necessariamente passavam por lá.

A biblioteca me permitiu presenciar muitas situações que demonstravam que a sede da associação não era apenas um espaço de aulas para crianças, mas também um local de acolhimento para brasileiros recém-chegados a Barcelona, bem como um lugar onde as pessoas se encontravam para conversar em português. A associação se apresenta como um espaço que favorece e fortalece a solidariedade entre brasileiros, onde são compartilhadas experiências e sensações vividas no processo migratório, como um momento de conexões, diálogos e sentimentos de familiaridade que fortalecem vínculos de comunidade no exterior.

Em algumas de nossas conversas, minhas duas colegas da biblioteca compartilharam suas trajetórias diferentes de imigração. Uma delas era filha de pai espanhol e mãe brasileira, nasceu no Rio de Janeiro e vivia na Espanha desde o ano 2000; naquele momento não tinha mais familiares no Brasil, pois todos estavam na Espanha. É bióloga, doutora, casada com um francês e tem duas filhas. Aproximou-se da APBC porque desejava que a sua filha mais velha aprendesse mais sobre a geografia e sobre a diversidade cultural e linguística do Brasil, de forma lúdica, e para além do contato com o português que ela propiciava em sua casa e com a família. A outra do Rio de Janeiro, e saiu do Brasil em 2005 para estudar e aprender outros idiomas. Possui

formação superior, trabalhou como empregada doméstica e passou um período sem documentos (situação migratória irregular) na Espanha. É casada com um catalão e tem uma filha. Ela contou que seu marido defende o aprendizado de outras línguas como sendo importante para o futuro da filha, especialmente a língua de sua mãe. No período da pesquisa, a mãe e o irmão dessa mulher, que viviam no Brasil, também passaram a residir em Barcelona.

Além dessas trajetórias, frequentemente chegava alguém à sala compartilhando sua própria história de migração. Por exemplo, uma brasileira que descobriu a existência da associação e entrou na sala oferecendo a venda dos doces que produzia. Depois se sentou e começou a falar sobre sua vida e sobre os obstáculos que enfrentou para legalizar seu casamento no Brasil. Também reclamou do atendimento recebido no Consulado do Brasil, em Barcelona, que, segundo ela, havia fornecido informações incorretas sobre o registro de seu filho.

Na associação, ouvi muitos relatos sobre as dificuldades que mulheres, imigrantes e mães, enfrentavam fora de seu país de origem. A APBC passou a ter um significado que vai além do ensino de Português como Língua de Herança para crianças brasileiras que vivem no exterior. Tornou-se um espaço de conforto, tanto para aqueles que a frequentam regularmente quanto para aqueles que buscam compartilhar com seus conterrâneos os problemas e desafios de suas novas vidas fora do país.

Duas mães associadas à APBC destacaram que o período de férias é muito difícil. Elas consideram que, se estivessem no Brasil, seria mais fácil, pois teriam familiares, parentes e amigos para ajudar. Como estão casadas com catalães e vivem em Barcelona, acabam distantes de seu círculo familiar e de amizades no Brasil.

A APBC recebe visitantes por diferentes motivos e nem sempre essas pessoas se tornam associadas. Um casal (uma brasileira e um espanhol), com seus filhos, procurou a associação preocupado porque um deles, de dois anos de idade, ainda não falava. Buscaram a associação como uma alternativa para ajudar na situação e, desde então, o filho passou a frequentar as aulas.

Outra visita foi de um casal brasileiro com suas filhas, que estava em Barcelona fazia três meses. O pai e a mãe eram tatuadores e haviam deixado o Brasil em busca de novas experiências profissionais. Eles explicaram que procuravam a associação para pedir ajuda, pois, segundo relataram, sua filha de 10 anos não estava se adaptando bem à vida em Barcelona. Em todas as ocasiões em que estive na biblioteca, as pessoas presentes na sala foram muito solícitas, compartilharam suas experiências e, além de oferecer informações sobre as aulas, também se dispuseram a marcar encontros em parques e outros espaços para convivência.

4.1 Os encontros: assembleias, reuniões e eventos

Como já apontado, a APBC promove diferentes modalidades de encontros, como assembleias, reuniões e eventos (oficinas e festas). As assembleias são momentos de discussão, prestação de contas e tomada de decisões sobre questões administrativas e planejamento das atividades. Já as reuniões têm caráter informativo, nas quais são apresentadas as propostas pedagógicas, as atividades do período letivo e o perfil das professoras, além de servirem para esclarecer dúvidas dos associados.

Participei da assembleia e da reunião anuais. Em ambos os momentos, foi ressaltado que a APBC é uma associação de famílias e não uma escola, configurando-se como um espaço de sociabilidade e troca de informações, além do ensino da língua. A participação na associação é majoritariamente voluntária, e os associados são incentivados a colaborar nas atividades, como na organização de eventos ou na composição das diretorias.

Durante a assembleia, uma mãe sugeriu a realização de cursos e seminários sobre PLH, pois relatava dificuldades em manter o português entre seus filhos, que falavam principalmente catalão. A presidenta mencionou o interesse em promover um evento científico sobre o tema, o que se concretizou em fevereiro de 2017, com a participação de professores da Universidade de Barcelona, representantes de iniciativas de PLH europeias e membros da própria associação, incluindo pais, mães e adolescentes.

Durante meu trabalho de campo, após reuniões ou durante as aulas das crianças, muitas mães e alguns pais se reuniam na cafeteria da sede da associação. Ali compartilhavam lembranças do Brasil, cantavam músicas brasileiras, trocavam experiências sobre trabalho, filhos e escola, além de comentar programações culturais e organizar outros encontros.

Além das aulas de PLH, a APBC também promove oficinas, encontros informativos e festas. Um exemplo foi um bate-papo com a fundadora de uma iniciativa de ensino de PLH na Suíça, considerada pioneira na Europa. O encontro foi bastante interativo, com relatos de experiências e discussões sobre as dificuldades de manter o português entre filhos que vivem em contextos multilíngues.

Também foram realizadas oficinas, como dança brasileira e confecção de roupas para a festa de São João, além da preparação de atividades para festas tradicionais. Entre os eventos realizados estavam as celebrações de Carnaval, São João, Dia das Crianças, Halloween, Páscoa e Natal.

A celebração de Natal, por exemplo, incluiu um almoço coletivo no Centro Cívico, sede da APBC, com a participação de cerca de 20 adultos e 22 crianças. Algumas mães prepararam brigadeiros para a sobremesa em um encontro chamado "Brigadeirada". Após o almoço, realizaram-se atividades como amigo secreto, amigo da onça e a

decoração da árvore de Natal com as crianças. Os associados consideram esse formato de celebração tipicamente brasileiro, marcado pela reunião familiar, pela comida compartilhada e pela troca de presentes.

A partir dessas atividades, reuniões, oficinas e festas, e das experiências vividas na biblioteca, foi possível compreender as dinâmicas da associação. Seus objetivos, voltados para a integração social de crianças e adultos e para a promoção da língua e da cultura brasileiras, refletem elementos apontados por Rossi (2012) como centrais nas iniciativas associativas no contexto migratório: sociabilidade, solidariedade, identidade e participação.

Moroni e Gomes (2015) indicam quatro âmbitos principais de atuação da APBC: cultural, social, econômico e acadêmico. No âmbito cultural, a associação promove o acesso à língua e à cultura brasileiras tanto para seus membros quanto para a comunidade local.

As práticas observadas confirmam que associações desse tipo são sustentadas por redes de sociabilidade, solidariedade e identidade entre imigrantes, ao mesmo tempo em que buscam aproximação com a sociedade local. Além de convidar a comunidade para participar de eventos abertos, como as festas de Carnaval e São João, a APBC também colabora com iniciativas da prefeitura de Barcelona, como a Festa do Bairro de Sant Martí, onde está a sede da associação.

Nesse contexto, a associação mobiliza elementos simbólicos ligados à memória, à cultura, aos afetos e à solidariedade, que vão além do ensino da língua. As mulheres, sobretudo as mães, têm papel central na organização e na manutenção das atividades, e os filhos, os “brasileirinhos”, aparecem como a principal motivação para a continuidade dessas iniciativas. Nesse sentido, pode-se compreender que os brasileiroinhos são a motivação, a língua é o meio e a associação é o modo pelo qual se concretizam as experiências sociais de convivência e de construção de identidades no contexto da imigração.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar como o ensino do Português como Língua de Herança (PLH) tem se tornado um importante instrumento de construção e de manutenção de solidariedades identitárias, através de iniciativas associativas, lideradas por pais, principalmente por mães brasileiras, no exterior, que, para além da língua, acionam símbolos culturais, acolhimento afetivo e o fortalecimento de laços comunitários. A análise evidenciou que as iniciativas de PLH ultrapassam o âmbito do ensino da língua, constituindo espaços de sociabilidade, circulação cultural e construção de sentidos de pertencimento entre crianças e famílias que vivem em contexto migratório.

As práticas pedagógicas realizadas nas turmas da ABPC demonstram que o ensino e a manutenção do português articulam as referências simbólicas e culturais associadas ao Brasil, como histórias, personagens, músicas, celebrações e elementos da natureza. Mobilizando a língua como mediadora importante na transmissão de memórias, narrativas e imagens que contribuem para a construção de vínculos afetivos com o país de origem e suas famílias. Estas relações são igualmente importantes no que diz respeito a conexão com a parte familiar que se mantém no Brasil, quanto com relação à família que se forma no exterior, tanto pelo compartilhamento das experiências comuns de imigrantes com referências simbólicas, linguísticas e culturais em comum, quanto pela forma como também são vistas como brasileiros no exterior.

Outro aspecto relevante evidenciado pela pesquisa é o papel central das mulheres, especialmente das mães, na mobilização e na manutenção dessas iniciativas. A atuação dessas mulheres na organização de projetos, na gestão das associações e na promoção de atividades culturais revela o protagonismo delas nas iniciativas de transmissão e manutenção da língua e da cultura brasileiras em contextos migratórios. Essas ações mostram que o ensino do PLH se constrói, em grande medida, a partir de ações que articulam afetividade, ensino e engajamento coletivo.

Embora a pesquisa de campo tenha sido realizada há alguns anos, continuo acompanhando o trabalho das associações através do contato que mantenho com muitas delas e das publicações que realizam em redes sociais na internet. Muitas das iniciativas que encontrei dez anos atrás permanecem muito ativas e expandindo. A própria APBC consolidou-se como uma referência entre os projetos de Português como Língua de Herança na Europa, mantendo suas atividades pedagógicas e a sua rede de participantes. Paralelamente, outras iniciativas surgiram na Catalunha e em diferentes países europeus, demonstrando o crescimento e a diversificação das experiências de ensino de PLH na diáspora brasileira.

Destaco a consolidação do Elo Europeu de Educadores de Português como Língua de Herança, fundado há mais de 10 anos, que tem desempenhado um papel importante na articulação entre as associações e o ensino do PLH, na troca de experiências pedagógicas e na divulgação de pesquisas na área. A presença dessas redes em plataformas digitais, inicialmente no Facebook, e agora no Instagram, demonstra a importância das mídias sociais na construção de espaços de circulação de conhecimentos, na visibilidade das iniciativas e no fortalecimento desses projetos entre educadores, famílias e pesquisadores. Este fenômeno acompanha o aumento da imigração brasileira, bem como demonstra que tais iniciativas fortalecem sentidos de comunidade e formas de acolhimento mobilizados por pais para seus filhos, que satisfazem suas próprias necessidades, mas também demonstram a preocupação com os afetos, o aprendizado e a socialização de seus filhos ao viverem a experiência migratória.

As ações desenvolvidas por essas iniciativas fortalecem a ideia de que a transmissão da língua de herança é constituída de memórias, de elementos simbólicos e códigos sociais. Assim, as experiências analisadas neste estudo evidenciam que as iniciativas de ensino de português como língua de herança desempenham um papel fundamental na conservação de vínculos linguísticos e culturais entre as crianças, os familiares e o Brasil. As associações operam como um espaço de mediação entre diferentes contextos linguísticos e culturais, promovendo não apenas a aprendizagem do português, mas também a manutenção de vínculos com a cultura brasileira em um contexto social mais amplo. Assim, a APBC pode ser compreendida como um dispositivo social e cultural que articula língua, identidade e migração, evidenciando o papel das iniciativas comunitárias na transmissão da língua de herança e na construção de formas de pertencimento nas sociedades de acolhida em que essas crianças estão inseridas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DORNELES, Rita. Material Didático para o ensino de POLH. In: SOUZA, A.; LIRA, C. (Org.). **O POLH na Europa** (Português como Língua de Herança). Londres: JNPAQUET Books, 2017.
- DURHAM, E. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FIGUEIREDO, T. C. S. Símbolos identitários agenciados nas classes de PLH para ‘brasileirinhos’. **Revista EntreLínguas**, Araraquara, v. 7, n. esp. 6, p. e021147, 2021. DOI: 10.29051/el.v7iesp.6.15437.
- FIGUEIREDO, T. C. S. **¿En Nombre De Los “BRASILEIRINHOS”? Lengua de Herencia e Identidad Brasileña En Cataluña**. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) – Universidade Autônoma de Barcelona. Barcelona, 2019.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GOMES, J. **Portugués como Lengua de Herencia en un contexto de lenguas hermanas: el caso de los hijos brasileños que viven en Barcelona**. Tese (Doutorado em Educação e Sociedade) – Universidade de Barcelona. Barcelona, 2017.
- HALL, Stuart. Introducción: ¿quién necesita identidad? In: HALL Stuart; DU GAY, Paul. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MARGOLIS, M. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MORAIS, L. P. **Cada comida no seu tacho: ascensão das culinárias típicas regionais como produto turístico – o Guia Quatro Rodas Brasil e os casos de Minas Gerais e Paraná (1966-2000)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Paraná (UFPR). Curitiba, 2011.
- MORONI, A. S. **Português como língua de herança na Catalunha: representações sobre identificação, proficiência e afetividade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2017.
- MORONI, A.; GOMES, J. O português como língua de herança hoje e o trabalho da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha. **Revista de Estudos Brasileiros**, v. 2, n. 2, p. 21-35, 2015.
- ROSSI, Maria. Associativismo migrante: participação e representação. **Revista Ágora**, n. 16, p. 37-51, 2012.
- SOLÉ, C; CAVALCANTI, L.; PARELLA, S. Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones. **Documentos del Observatorio Permanente de la inmigración**. Madrid: Ministerio de Trabajo e Inmigración, 2008.
- SOUZA, A.; LIRA, C. (Org). **O POLH na Europa** (Português como Língua de Herança). Londres: JNPAQUET Books, 2017.